

---

## **Interfaces entre a educomunicação e o direito à comunicação e o exercício da cidadania: o projeto Ponche Verde Comunica, na cidade de Piratini/RS<sup>1</sup>**

Douglas Rafael Antunes Ortiz DUARTE<sup>2</sup>  
Marislei da Silveira RIBEIRO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

### **RESUMO**

O presente trabalho pretende analisar as potencialidades da Educomunicação como ferramenta de apoio ao direito à comunicação e ao exercício da cidadania, tendo como objeto de estudo o Projeto Ponche Verde Comunica, realizado junto à turma 200, do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde, localizado no município de Piratini/RS. A metodologia aplicada foi a pesquisa-ação e pesquisa-participante (Gil, 2008). O estudo fundamenta-se principalmente nos postulados de Soares (2000) e Peruzzo (2013). Entre os objetivos destacam-se a busca por averiguar se o direito à comunicação se dá na prática e qual a sua relação com a cidadania. Os resultados indicam potencial êxito de ações educacionais no incentivo à alfabetização midiática e ao senso crítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** educomunicação; cidadania; direitos humanos; comunicação alternativa; comunicação comunitária.

### **INTRODUÇÃO**

O direito à comunicação é prerrogativa da humanidade de acordo com diversos tratados, documentos e resoluções. Não entanto, o reconhecimento formal de um direito não basta se o mesmo não estiver articulado com a noção e a prática da cidadania. Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar se a Educomunicação pode ser explorada como ferramenta de apoio ao direito à comunicação e ao exercício da cidadania. O objeto de estudo analisado para tal propósito é o Projeto de Educomunicação Ponche Verde Comunica, realizado junto à turma 200, do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde – escola localizada no município de Piratini/RS. O referencial teórico que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Bacharelado em Jornalismo do CLC-UFPEL, e-mail: [douglasrafaeljs@gmail.com](mailto:douglasrafaeljs@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação na FAMECOS/PUC-RS. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: [marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br](mailto:marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br)

---

orienta este trabalho firma-se principalmente nos estudos de Soares (2000) e Peruzzo (2013) acerca da educomunicação e da comunicação popular/comunitária alternativa. Os procedimentos metodológicos empregados têm por base as concepções de pesquisa-ação e pesquisa-participante (Gil, 2008) e o conceito de protocolo mediático descrito por Soares (2014).

## **COMUNICAÇÃO ENQUANTO DIREITO HUMANO E FERRAMENTA DE CIDADANIA**

Para adentrarmos no tema da comunicação enquanto direito humano, é necessário antes delimitar quais conceitos adotou-se para minimamente diferenciar direitos humanos de cidadania. Segundo Peruzzo (2011), a cidadania é, antes de tudo, uma construção social, ou seja, é fruto do seu tempo e do seu contexto. Tais condições envolvem desde os direitos do campo das liberdades individuais (a locomoção) até os direitos de participação e deliberação sobre os rumos de uma coletividade social e política. A cidadania, portanto, é o conjunto de normas que um determinado Estado a um determinado tempo, delimita como condições para que um indivíduo seja considerado cidadão. Por sua vez os Direitos Humanos são universais e históricos, não condicionados ao conceito de nação e nem aos seus limites (Peruzzo, 2011).

Neste sentido, a comunicação é instrumento indispensável para a ampliação das prerrogativas cidadãs e, por sua vez, a Educomunicação, no contexto específico do projeto Ponche Verde Comunica, configura-se como instrumento de garantia da própria comunicação enquanto direito fundamental da humanidade.

Vários documentos, resoluções e instituições já reconhecem e estabelecem os marcos que asseguram a todo e qualquer ser humano o direito de acessar informações (produzidas e divulgadas com altos padrões de ética e profissionalismo), assim como expressar-se e comunicar o seu cotidiano e a sua vivência (Moreira; Moreira, 2020). A Declaração Universal dos Direitos Humanos, por exemplo, estabelece em seu artigo XIX:

Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. art. 19).

No Brasil, a Constituição Federal (1988), através dos incisos IV, V, VI e IX do artigo 5º, garante o direito do livre pensamento e expressão. O texto da Carta Magna, no

---

entanto, não define a comunicação como direito humano, limitando-se a engendrar um conjunto de normas cuja finalidade maior é condenar a censura e regulamentar o trabalho jornalístico. Todavia, sem articular tal princípio com o exercício da cidadania e da plena dignidade humana. Esta perspectiva só é retomada institucionalmente com a aprovação do “Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3” (Brasil, 2009).

Conforme Peruzzo (2013), o direito à comunicação está em perspectiva no Brasil. A própria interpretação que se faz de tal direito é reveladora quanto aos limites que se pretende impor ou transpor na relação com a sociedade. Como exemplo específico da disputa cultural, política e social acerca do conceito de comunicação, podemos citar a tentativa de equalizar o pleno usufruto deste direito ao simples ato de acessar informações.

Em outros termos, as abordagens teóricas e os ordenamentos jurídicos que se referem ao tema tendem a focar o direito de comunicar a partir do ângulo do direito ao acesso à informação ou como direito à liberdade de opinião e de expressão. Mas, seu espectro na atualidade é mais amplo. Passa também pelo direito a conteúdos midiáticos de boa qualidade, pelo respeito e proteção às diferenças sociais de pessoas ou segmentos populacionais (não discriminação, sem estereótipos e sem denegrir a imagem), direito à privacidade, acesso aos direitos culturais acessíveis através das tecnologias de comunicação e informação (partilha do conhecimento científico e artístico etc.), direito à diversidade comunicativa, direito à democracia dos meios de comunicação (infra-estrutura, espectros e habilidades), enfim direito ao poder de comunicar. (Peruzzo, 2013, p. 169).

Em síntese, podemos dizer que avançamos enquanto sociedade e enquanto nação ao ponto de conquistamos o reconhecimento da comunicação como um direito da coletividade. No entanto, o debate quanto ao conceito referente a tal direito e o que ele representa na prática (para considerar que esteja sendo efetivamente garantido) precisa estar em permanente revisão e atualização.

No caso específico de jovens e adolescentes, existe o agravante da violência simbólica - aquela que, segundo Bourdieu (1997), é praticada mediante uma cumplicidade tácita também de quem a sofre. São muitos os exemplos em que as opiniões da faixa etária considerada jovem são invisibilizadas ou desconsideradas em virtude da idade do emissor (Alves; Fernandes, 2019).

Diante do atual contexto de aprofundamento da influência da comunicação de massa sobre o cotidiano social, o ato de educar para o pensamento crítico acerca da mídia configura-se como alternativa a ser analisada. A Educomunicação, como campo

---

autônomo, surge como resposta à demanda de formar gerações para o pensamento crítico (Soares, 2000). Este estudo, ao aplicar a Educomunicação no contexto específico do projeto "Ponche Verde Comunica", busca contribuir para a compreensão de como essa abordagem pode efetivamente impactar a compreensão da mídia e a prática da cidadania por parte dos jovens.

Afinal, somente a ampliação do acesso à informação por parte de jovens e adolescentes (algo que em parte já ocorre com a popularização de smartphones e das redes móveis de internet) não é suficiente para a garantia deste direito, haja visto que comunicar-se é um processo de troca e não de simples recepção.

## **REDES PARA A CIDADANIA**

A sociedade e seus mais diversos agrupamentos são detentores de direitos e reconhecem-se - em maior ou menor grau - como tal. Quando estas garantias fundamentais da humanidade são negligenciadas ou sonegadas, os indivíduos organizam-se das mais diferentes formas e passam a lutar pelo reconhecimento, legitimação e garantia de tais direitos. Estas articulações da sociedade civil, de acordo com Peruzzo (2013), denominamos movimentos sociais populares.

É justamente do encontro entre a luta por direitos e a organização coletiva de grupamentos sociais que surge a chamada comunicação popular, alternativa ou comunitária. De acordo com Peruzzo (2013):

[..] os movimentos populares se adequam às condições dadas para poderem se comunicar. No Brasil, estes sempre usaram meios próprios de comunicação conhecidos como populares, comunitários, participativos ou alternativos. O fazem, por um lado, pela necessidade de falarem a seus públicos específicos e, por outro, devido o cerceamento à sua liberdade de expressão por parte do Sistema Nacional de Comunicação. Do panfleto ao jornalzinho e dele ao blog e ao website na internet, do megafone ao alto-falante e dele à rádio comunitária, do slide ao vídeo e dele à TV Livre e ao Canal Comunitário da televisão a cabo, são evidências do exercício concreto do direito à comunicação como mecanismo facilitador das lutas pela conquista ou ampliação dos direitos de cidadania, incluindo o de comunicar (Peruzzo, 2013 p. 166)

Por mais que existam algumas divergências em relação ao que se compreende como comunicação popular, comunitária ou alternativa, é consenso que estas diversas modalidades - que por vezes confundem-se - no Brasil guardam entre si a convergência no caráter contestador ao status quo social, político e econômico, assim como a aspiração

de dar voz às camadas populares e de representar uma opção à mídia hegemônica comercial (Márques; Talarico, 2016). Na América Latina, este modelo de comunicação contra-hegemônica encontrou terreno fértil. No Brasil, a partir dos anos 70, ele viveu um período de expansão como forma de resposta ao regime militar. De acordo com Peruzzo (2011), este acirrado contexto de luta política deixou marcas culturais na forma de se fazer comunicação (notadamente horizontal, engajada e colaborativa).

Em linhas gerais, é possível identificar diversas intersecções entre a comunicação popular, alternativa ou comunitária e o que chamamos de cibercultura. Para exemplificar tal sintonia, podemos citar a descentralização e desierarquização da informação e dos seus fluxos, o protagonismo dos indivíduos e a participação ativa dos sujeitos ou grupos nos processos de produção e disseminação de mensagens (Peruzzo, 2011).

E o encontro das demandas dos movimentos sociais e suas diversas formas de organização com as plataformas e ferramentas digitais, em particular as chamadas redes sociais de internet, resultam não apenas em novos conteúdos e formatos, mas também em ângulos e olhares diferentes. Isso, por sua vez, impacta não apenas no fazer comunicativo, como em toda a estrutura na qual se insere a produção de informações, articulando uma verdadeira resposta coletiva e popular ao mercado e ao jornalismo comercial tradicional (Peruzzo, 2011).

Por mais que o termo “redes sociais” tenha se popularizado como algo originário da internet, segundo Recuero (2009), o estudo da sociedade com base no conceito de rede esteve presente ao longo de todo o século XX. Para este estudo, nos basta compreender que uma rede nada mais é do que uma metáfora para descrever os padrões e o espaço em que interagem dois elementos: os atores e suas conexões. Conforme define a autora, as redes sociais de internet, seriam tais interações (com seus nós e conexões) efetuadas no ciberespaço e/com suas particularidades.

Ainda de acordo com o pensamento de Recuero (2009), a grande transformação promovida pela internet nas redes sociais, está nas conexões, cujos rastros agora permanecem. Algo que implica em elementos como a identidade almejada e performance dos atores envolvidos na interação, assim como no próprio fluxo e dinâmica de produção e disseminação de informações

Neste contexto, a rede social de internet Instagram explora muito bem o potencial da internet de estabelecer conexões entre os atores da rede. Altamente popular entre os jovens, a plataforma é nativa dos smartphones e nasceu em 2010 para estar na palma da

mão. Somente em 2012, após ter sido adquirida pelo Facebook (atualmente ambas compõem o ecossistema Meta) por um bilhão de dólares, o aplicativo ganhou uma versão para o sistema Android (Canaltech, 2023).

A escolha do Instagram pelos estudantes da turma 200 do projeto Ponche Verde Comunica se justifica pela sua compatibilidade com os protagonistas. Afinal, como mencionado anteriormente, a comunicação comunitária e de base popular requer não apenas uma conexão com a comunidade a ser comunicada, mas também com os atores envolvidos na produção, disseminação e consumo dos conteúdos.

## **CENÁRIO**

Piratini, fundada em 6 de julho de 1789, está localizada a cerca de 100 km de Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul. Com uma área de 3.538,300 km<sup>2</sup> (a 11ª maior do RS) e uma população de 17.504 habitantes (CENSO IBGE, 2023), sua economia é tradicionalmente agrícola e pecuária.

Até 1925, as escolas de Piratini eram apenas exclusivas de meninos ou meninas. Em 26 de janeiro de 1926, foi criado o “Grupo Escolar da Villa de Piratiny”, renomeado em 1936 para “Grupo Escolar Ponche Verde” e, em 2000, tornou-se o Instituto Estadual de Educação Ponche Verde (Passos, 2010).

Em 2023, quando da aplicação do projeto Ponche Verde Comunica, a escola contava com 714 alunos divididos em três turnos (manhã, tarde e noite) e cinco modalidades de ensino (Ensino Fundamental, Ensino Médio, Curso Normal, Contabilidade e EJA Nível Médio). A turma 200, escolhida para a aplicação do projeto, estava no segundo ano do Ensino Médio e contava com 37 alunos (majoritariamente na faixa etária ao redor dos 16 anos).

Ou seja, por mais que a internet aproxime outros mundos, nichos, tribos, aspirações, informações, culturas e possibilidades, ainda são estudantes de um município pacato com pouquíssima produção jornalística (uma rádio comercial, uma rádio comunitária e dois blogs de profissionais sem formação na área). Ou seja, é uma comunidade carente economicamente, mas também de espaços para que suas vozes sejam ouvidas e suas histórias contadas.

## **METODOLOGIA E EXECUÇÃO**

A aplicação de um projeto prescinde de base, tanto teórica quanto metodológica para formular hipóteses, planejar ações, coletar e analisar dados. Utilizou-se para a condução do projeto Ponche Verde Comunica a pesquisa-ação e a pesquisa participante para sistematizar métodos e o Protocolo Mediático como guia de princípios.

Segundo Gil (2008), a ciência tradicionalmente seguiu uma orientação positivista, que separa rigidamente as experiências e valores dos cientistas dos fatos sociais, tratados como "coisas". Esse modelo clássico preconiza o máximo distanciamento entre pesquisador e objeto pesquisado, buscando objetividade absoluta. Esse distanciamento é criticado por potencialmente limitar a compreensão da realidade e, em resposta, surgem modelos alternativos (como a pesquisa-ação e a pesquisa participante) que envolvem tanto pesquisadores quanto pesquisados no processo. Essas modalidades diferem entre si, embora às vezes sejam usadas como sinônimos.

Na pesquisa-ação, a "relatividade observacional" substitui a objetividade empírica. O pesquisador é ativo na coleta e interpretação dos dados, planejando ações com caráter educacional, social ou técnico (Gil, 2008). Já a pesquisa participante distingue entre ciência popular (conhecimento comum) e ciência dominante (que mantém o status quo). Esta modalidade adota valores humanistas e, às vezes, marxistas (Gil, 2002). A partir da descrição e conceituação de tal método e das características do Projeto Ponche Verde Comunica, passa a fazer sentido a sua aplicação, tendo-se em vista o caráter eminentemente social e participativo do mesmo.

Quanto ao contato direto com os estudantes, os princípios norteadores foram o do protagonismo e da democracia. Vários autores do campo da Educomunicação defendem estes conceitos, mas a contribuição teórica central que resultou neste caminho metodológico vem do chamado Protocolo Mediático. Conforme aponta Ismar Soares, tal corrente parte de um enfoque no processo comunicacional de forma mais ampla e não apenas na mídia, conforme descreve:

O Protocolo Mediático é uma corrente recém-sistematizada, apesar de haver se estabelecido na América Latina desde os anos 1980. Parte da luta do Movimento Social pela universalização do direito à comunicação, trabalhando para garantir a todos os sujeitos sociais, pela educação, o “acesso à palavra”, tradicionalmente negado aos mais pobres e excluídos. O foco desta vertente não é a mídia, em si, mas o processo comunicativo em sua abrangência. [...] No caso, a Educação para a Comunicação, aqui denominada como Educomunicação, preocupa-se fundamentalmente com o fortalecimento da capacidade de expressão de crianças e jovens (Soares, 2014, p. 18).

A compreensão de Soares (2014) avança, inclusive, para a forma como o processo de interação com as escolas e os estudantes deve se dar para que os objetivos e princípios do Protocolo Mediático sejam contemplados. Segundo ele, para alcançar a meta, todas as formas de comunicação são analisadas, desde a interpessoal até a midiática. Na escola, o objetivo é revisar disfunções comunicativas ligadas ao poder, promovendo gestão democrática e participativa. O protocolo valoriza a mídia e a utiliza como método, mas visa objetivos mais amplos.

Desta concepção nasceu, por exemplo, o formato de todo o primeiro encontro com os estudantes da turma 200. O que em um primeiro momento seria um diálogo expositivo sobre conceitos referentes à comunicação, tornou-se uma roda de conversa em que a mídia, a relação dos estudantes com o consumo de conteúdos midiático e o protagonismo deles e de sua comunidade nestes espaços era o ponto central de debate e troca.

Tais correções de rumo, todavia, não significam que o planejamento não tenha sido parte essencial de todo o processo. Tanto ao contrário: pensar cada encontro e cada etapa da realização do projeto foi parte fundamental para o êxito do mesmo e justamente o que permitiu as necessárias mudanças de percurso. Na Tabela 1 temos o detalhamento de todas as ações de contato e ação direta junto à escola.

**Quadro 1** - Detalhamento das ações realizadas junto à escola.

| <b>Ação</b>  | <b>Data</b> | <b>Descrição da ação</b>   | <b>Ferramentas utilizadas</b> |
|--|-------------|--|-------------------------------|
| Reunião com a Direção da Escola                                      | 24/02/2023  | Encontro com a diretora e vice-diretora do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde. Na conversa foi apresentada a proposta do projeto de Educomunicação e o seu formato, cronograma e responsáveis.  |                               |
| Reunião com a coordenadora pedagógica                                | 06/03/2023  | Encontro com a coordenadora pedagógica do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde. Na conversa foram ajustados alguns detalhes da proposta do projeto de Educomunicação, assim como nos foi informado a turma, a trilha, a disciplina e a professora que a escola entendeu como a mais indicada para a execução do projeto |                               |
| Reunião com a professora cujas aulas serão utilizadas para o projeto | 08/03/2023  | Encontro com a professora cujas aulas foram utilizadas para a aplicação do projeto junto à turma 200. Na conversa o aplicador do projeto apresentou-se assim como o próprio projeto, visando   |                               |



|                          |            |   |  |
|--------------------------|------------|---|--|
|                          |            | estabelecer a melhor metodologia para a execução da proposta.   |  |
| 1º encontro com a turma. | 10/03/2023 | Roda de conversa em que os alunos receberam a tarefa de apresentar-se e responder às seguintes questões: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Por quais veículos/plataformas costumam consumir conteúdo jornalístico e comunicacional?</li> <li>• Sobre quais temas costuma consumir informações?</li> <li>• Você já viu a si mesmo ou as pessoas da sua comunidade retratadas em alguma notícia?</li> </ul>  |  |
| 2º encontro com a turma. | 15/03/2023 | Aula expositiva-dialogada sobre comunicação. Foram abordados aspectos como: <ul style="list-style-type: none"> <li>• A comunicação e a liberdade de expressão enquanto direitos humanos;</li> <li>• A comunicação e a liberdade de expressão enquanto direitos de jovens e adolescentes;</li> <li>• O que é informação?</li> <li>• O Meio e a Mensagem;</li> <li>• O modelo matemático de comunicação;</li> <li>• O que é o fato?</li> <li>• O que é a notícia?</li> </ul>  | Lousa e giz.                                     |
| 3º encontro com a turma. | 20/03/2023 | Aula expositiva-dialogada e oficina sobre <i>fait divers</i> e critérios de noticiabilidade. Foram abordados aspectos como: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais elementos fazem de um fato uma notícia em potencial?</li> <li>• Como identificar os critérios de noticiabilidade em um fato?</li> </ul> <p>Na oficina, os alunos foram divididos em quatro grupos e receberam edições de jornais (Zero Hora e Diário Popular). A tarefa dos grupos foi a de escolher notícias destes jornais e identificar os critérios de noticiabilidade das mesmas.</p> | Lousa, giz e jornais Zero Hora e Diário Popular. |
| 4º encontro com a turma. | 22/03/2023 | Aula expositiva-dialogada sobre as características do texto jornalístico. Foram abordados aspectos como: <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que é o Lead?</li> <li>• O que é o modelo da Pirâmide Invertida?</li> <li>• Como planejar a produção de uma reportagem?</li> <li>• O que é pauta e reunião de pauta?</li> <li>• Como se apura uma informação?</li> <li>• O que são fontes?</li> <li>• O que é como realizar uma entrevista?</li> <li>• Como redigir uma notícia após a apuração?</li> </ul>   | Datashow e slides.                               |

|                           |            |  |  |
|---------------------------|------------|--|--|
| 5º encontro com a turma.  | 29/03/2023 | Aula expositiva-dialogada sobre a elaboração de pauta jornalística. Os alunos, novamente divididos em 4 grupos, receberam um modelo de pauta e a tarefa de tentar transformar em pautas as suas ideias de reportagem.<br>Foram abordados aspectos como: <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que é uma pauta?</li> <li>• Quais elementos compõem a pauta?</li> <li>• Para que serve a pauta?</li> <li>• Como elaborar uma pauta?</li> </ul>  | Lousa, giz e folha impressa com elementos da pauta.  |
| 6º encontro com a turma.  | 05/04/2023 | Aula expositiva-dialogada sobre cuidados com a elaboração de um texto, em especial o texto jornalístico.<br>Foram abordados aspectos como: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais as características do texto jornalístico?</li> <li>• Como elaborar um texto que facilite a compreensão do leitor?</li> <li>• O que não fazer na hora de redigir um texto jornalístico?</li> </ul>  | Lousa, giz e texto retirado da <i>internet</i> sobre como jornalistas e redatores podem escrever melhor. |
| 7º encontro com a turma.  | 12/04/2023 | Aula expositiva-dialogada sobre maus exemplos de jornalismo e sobre o que não fazer na hora de desenvolver um trabalho jornalístico. Foram abordados aspectos como: <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que é o sensacionalismo?</li> <li>• Qual o limite da exposição das pessoas?</li> <li>• A necessidade de checar informações antes de divulgá-las.</li> <li>• Como preparar-se para entradas ou apresentação de programas ao vivo.</li> <li>• Limites éticos da profissão.</li> <li>• Respeito aos direitos humanos.</li> </ul> | Datashow, slides e vídeos.   |
| 8º encontro com a turma.  | 19/04/2023 | Orientação para as reportagens já em curso.  |  |
| 9º encontro com a turma.  | 26/04/2023 | Orientação para as reportagens já em curso.  |  |
| 10º encontro com a turma. | 28/04/2023 | Apresentação das reportagens e diálogo sobre as produções com a Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> Marislei Ribeiro, responsável pela cadeira de Educomunicação.  | Datashow, notebook, conexão com a <i>internet</i> e plataforma de vídeo-chamadas.                        |

Fonte: elaborado pelo autor do trabalho.

Como pode ser observado com base na tabela acima, o projeto de Educomunicação Ponche Verde Comunica foi desenvolvido em várias etapas. Primeiro, houve diálogo com a direção, orientação pedagógica e professores do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde, antes de envolver diretamente os alunos.

---

Esse processo inicial foi crucial para ganhar a confiança da escola e promover uma colaboração participativa. Uma roda de conversa foi realizada para entender o perfil comunicacional dos estudantes e despertar um olhar crítico sobre a comunicação comunitária.

Nos encontros seguintes, conceitos teóricos e práticos sobre comunicação e jornalismo foram compartilhados, incluindo técnicas de redação, planejamento de pautas, e ética jornalística. Os alunos foram divididos em grupos e decidiram usar o Instagram para divulgar suas produções, criando a conta "Ponche Verde Comunica".

Buscou-se a todo momento potencializar o protagonismo dos estudantes. O processo que culminou na escolha da plataforma e do enfoque das reportagens que os alunos e alunas produziram, era importante para que estes se sentissem responsabilizados pelos rumos do projeto, mas também empoderados e representados pelos próprios trabalhos.

As atividades incluíram oficinas práticas e discussões sobre temas como sensacionalismo e fake news. Os alunos produziram reportagens que foram publicadas no Instagram e um grupo criou um jornal televisivo sobre violência escolar, que foi postado no YouTube. O projeto culminou com uma vídeo-chamada com a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marislei Ribeiro, onde os estudantes discutiram suas experiências e aprendizados.

## **AVALIAÇÕES E RESULTADOS**

Para que a prática educomunicativa seja efetiva, é necessário a permanente avaliação e reavaliação coletiva das práticas adotadas, métodos empregados e resultados obtidos ao longo dos processos. O Projeto Ponche Verde Comunica buscou contemplar essa condição.

A avaliação dos protagonistas foi medida através de um formulário no Google Forms. Visando construir um ambiente em que os estudantes se sentissem confortáveis para opinar, o formulário garantiu o anonimato. Não sabendo quem já havia preenchido ou não, era impossível cobrar especificamente quem não respondeu. Isto impactou no número de respostas: precisamente 8 alunos preencheram o formulário. Ainda assim, os dados revelam tendências e indicativos de onde o projeto obteve sucesso e quais aspectos precisam melhorar. Ao serem questionados sobre a ideia de realizar um projeto de

Educomunicação e tendo como alternativas as respostas presentes no gráfico abaixo, o resultado foi o expresso na figura a seguir:



Figura1 - Gráfico elaborado com base no formulário de avaliação do Projeto Ponche Verde Comunica.  
Fonte: elaborado pelo autor do trabalho.

Sobre a qualidade dos encontros e a experiência dos protagonistas, a avaliação foi mediana ou positiva. Destacando-se que ninguém alegou não estar confortável, ou ter vivenciado uma experiência considerada ruim. Em relação a ter agregado conhecimento sobre temas ligados à comunicação e ao jornalismo, todos os alunos e alunas que responderam ao formulário alegaram ter aprendido ao menos um pouco. Ou seja, mesmo com pouco tempo foi possível somar conhecimentos ao leque de saberes destes estudantes.

Por fim, ao serem provocados a darem uma nota para o projeto em uma escala de um (1) a dez (10), as opiniões indicam um bom caminho para o mesmo. Todas as avaliações estavam acima de seis (6). Sendo que quatro estudantes (50% dos que responderam) deram nota oito (8), um deu nota nove (9) e um deu nota dez (10).

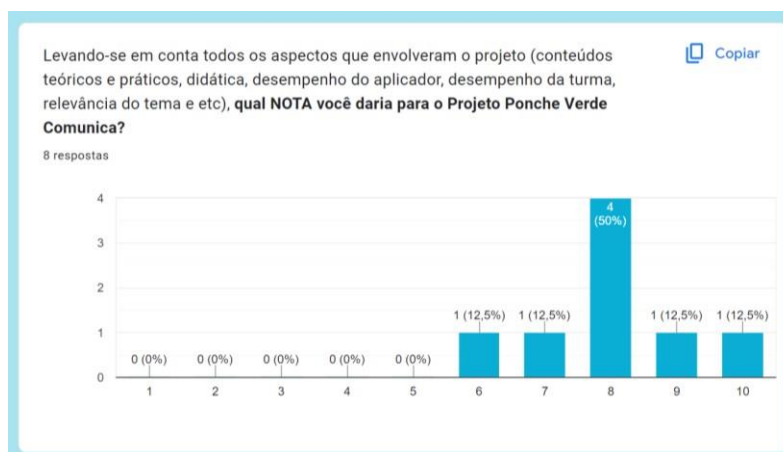


Figura 2 - Gráfico elaborado com base no formulário de avaliação do Projeto Ponche Verde Comunica.  
Fonte: elaborado pelo autor do trabalho.

---

Para avaliar a recepção do público-alvo, inicialmente pensou-se em medir o desempenho das publicações na página do Instagram. No entanto, com apenas cinco postagens (uma de apresentação e quatro reportagens), não é suficiente para uma análise conclusiva, já que a constância e volume de conteúdo são essenciais para a presença nas redes sociais. Mesmo assim, a página obteve mais de 70 seguidores e cada publicação alcançou mais de 100 contas, indicando um potencial de crescimento.

A avaliação pela instituição de ensino foi realizada através de um formulário não anônimo, preenchido pela diretora da escola Ponche Verde e pela professora regente da turma 200. Ambas deram nota máxima ao projeto e destacaram seu valor educacional, o despertar do interesse pelo jornalismo entre os alunos e o estímulo ao pensamento crítico e exercício da cidadania.

O executor do projeto também avaliou positivamente a experiência. Em um curto período de tempo e com treze visitas à escola, foi possível conquistar a confiança da comunidade escolar e iniciar a produção de conteúdo jornalístico com autonomia por parte dos alunos. Houve uma troca significativa de conhecimentos entre aplicador e estudantes, destacando a importância de práticas educacionais comunicativas.

## CONCLUSÃO

O projeto Ponche Verde Comunica visava mais do que simplesmente transmitir técnicas de comunicação, mas também incentivar o senso crítico acerca da mídia e o exercício da cidadania. O maior desafio foi equilibrar a autoridade do educador com a necessidade de promover a autonomia dos estudantes. Em virtude disso, o processo todo foi construído de forma colaborativa, exigindo constante adaptação, estudo e envolvimento sem, todavia, impor aos protagonistas visões e vivências particulares do aplicador.

As avaliações indicam que o projeto ofereceu tanto conhecimentos de comunicação quanto ferramentas para exercer a cidadania, superando a violência simbólica e o silenciamento (que atingem em especial a juventude brasileira). Temas importantes foram debatidos, dando voz aos estudantes. O perfil @pvcomunica e os formulários de avaliação evidenciam a eficácia das ações educacionais comunicativas, demonstrando a capacidade de resistir à mídia tradicional e de comunicar a realidade coletivamente.

Em resumo, o Ponche Verde Comunica representou um exercício significativo de cidadania e democracia, exigindo dos indivíduos que dele participaram a permanente requalificação, o engajamento com a proposta e a flexibilidade para executá-lo. Ao término das etapas previstas no planejamento, é possível dizer que o projeto conseguiu proporcionar conhecimento sobre comunicação e configurar-se em um instrumento de cidadania, permitindo que jovens encontrassem a sua voz e um espaço para debates relevantes e necessários.

## REFERÊNCIAS

ALVES, D. H. S. FERNANDES, J. C. **Educomunicação e Participação Social de Crianças e Adolescentes na Formulação de Políticas Públicas no Paraná: invisibilidades e violências simbólicas**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul - Porto Alegre, RS:– jun. 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0442-1.pdf>>. Acesso em 28 de mai. de 2023.

Assembleia Geral da ONU. (1948). "**Declaração Universal dos Direitos Humanos**" (217 [III] A). Paris. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em 26 de de jun. de 2024.

BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão, seguido de A Influência do Jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro - RJ, Jorge Zahar, 1997, 143 pág.

BRASIL. [Constituição 1988]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 20 de jun. de 2024.

BRASIL. Decreto nº 7037, de 21 de dezembro de 2009. **Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3**. Brasília, DF: Presidente da República, [2007]. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm)>. Acesso em 22 de jun. de 2024.

CANALTECH. Canaltech. Página inicial. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>> . Acesso em 26 de jun. de 2024.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. São Paulo - SP, Atlas Editora S.A, 2008.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo - SP, Atlas Editora S.A, 2002.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE** Cidades, 2023. Página inicial. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/piratini/panorama>>. Acesso em 26 de jun. de 2024.

MÁRQUES, F. T. TALARICO, B. S. L. U. **Da comunicação popular à educomunicação: reflexões no campo da “educação como cultura”**. Atos de Pesquisa em Educação. v. 11, n. 2, Blumenau, 2016. Disponível em: <<https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4897>>. Acesso em 13 de jun. de 2024.

MOREIRA, A. O. MOREIRA, M. O. A Comunicação como um Direito Humano. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 06, Vol. 04, pag. 17-35, jun. 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/comunicacao/direito-humano>>. Acesso em 20 de jun. de 2024

PASSOS, A. A. **O corpo, a educação física e o curso normal regional : memórias do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde, Piratini - RS** / Angela Alves dos Passos ; orientador Luiz Carlos Rigo. – Pelotas : UFPel : ESEF, 2010.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação nos Movimentos Sociais: o exercício de uma nova perspectiva de Direitos Humanos. **Contemporanea | Comunicação e Cultura**, v. 11, n. 01, p. 161-181 jan./abr. 2013. ISSN: 18099386. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6980/6087>>. Acesso em 15 de jun. de 2024.

PERUZZO, C. M. K. Desafios da Comunicação Popular e Comunitária na Cibercultur@: Aproximação à proposta de Comunidade Emergente de Conhecimento Local. **Ciberlegenda**, v. 2, n. 25, p. 82-99 set./dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36886/21460>>. Acesso em 20 de de jun. de 2024.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre - RS, Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura). 191 p. ISBN: 978-85-205-0525-0.

SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (19): pag. 12-24, set./dez. 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i19p12-24>>. Acesso em 10 de jun. de 2024.

SOARES, I. O. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo: pag. 15-26, julho./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/87468>>. Acesso em 12 de jun. de 2024.